

2811CT

FINEP  
4 DEZ 80 016073  
PROTOCOLO

PROJETO 32.8 - CRECHE: NECESSIDADE E REALIDADE

COORDENADORA - MOEMA EULÁLIA DE OLIVEIRA TOSCANO

2811/et  
n. 35

1027

CRECHE: NECESSIDADE E REALIDADE  
RELATÓRIO DA PESQUISA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

1. Introdução e Justificativa
  2. Histórico do Projeto
  3. As creches no Município do Rio de Janeiro: quantas são e como funcionam
    - 3.1. Metodologia adotada
    - 3.2. Levantamento e análise dos dados
    - 3.3. O cotidiano da creche (Um Estudo de Caso)
  4. Conclusões - Discussão Final
  5. Levantamento Bibliográfico
- Anexo I - Relação atualizada das creches existentes no Rio de Janeiro, com respectivos endereços (Dez. 79/80)
- Anexo II - Modelo do questionário aplicado à amostra

## CRECHES: NECESSIDADE E REALIDADE

## APRESENTAÇÃO

O Projeto de Pesquisa sobre Creches no Rio de Janeiro que apresentamos à Fundação Oswaldo Cruz, por intermédio do Programa PEPPE-PESES em setembro de 1976, propunha um levantamento dos dados relativos à situação material e funcional das creches existentes no Município, bem como a formulação de um plano geral visando à expansão destas instituições, de modo a atender às necessidades reais da comunidade, seja do ponto de vista da mãe trabalhadora, seja do desenvolvimento integrado da criança. (1)

Circunstâncias alheias à nossa vontade e já bem conhecidas, fizeram com que a liberação da verba então solicitada só viesse a se concretizar em meados de dezembro de 1979, reduzida em seu montante previsto em cerca de 20% e corroída por uma taxa de inflação anual média de perto de 50%. De outro lado, o prazo que nos foi dado para realizar a pesquisa e apresentar o relatório final à FIOCRUZ foi de menos de dois meses e coincidiu com o período de festas natalinas e de fim do ano, sendo que, logo depois, muitas creches suspenderam suas atividades, para só voltarem a funcionar no mês de março.

Em face de dificuldades tão concretas, vimo-nos obrigadas a rever os objetivos iniciais da pesquisa, dimensionando-os no espaço de tempo e de recursos financeiros estabelecidos pela instituição repassadora dos recursos. Procuramos, na medida do possível, guardar a idéia e as intenções originais do projeto, convencidas que estamos, agora ainda mais do que no início de nosso trabalho, da importância relevante que tem este tema, quando se trata de discutir e apontar soluções para o grave problema da mulher trabalhadora e de seus filhos, crianças na sociedade brasileira de nossos dias.

Reformulado o projeto original, os novos objetivos a serem atingidos consistiram a ser os seguintes:

1. Atualização da relação de creches existentes no Rio de Janeiro (Município) e sua caracterização do ponto de vista da clientela, das fontes de recursos e das suas relações com diferentes instituições assistenciais públicas e privadas.
2. Em segundo lugar e já voltada para uma prática social mais objetiva, a pesquisa propõe-se a apontar soluções viáveis para a questão da notória insuficiência e pouca funcionalidade da rede de creches de nosso município, a partir da realidade observada. Incluímos aqui um estudo de caso onde procuramos descrever, com maior detalhamento, como funciona uma creche típica, selecionada aleatoriamente, identificando os principais problemas e pontos de estrangulamento que impedem uma produtividade maior dos recursos existentes.
3. Em terceiro lugar, nos preocupamos com o levantamento bibliográfico do material disponível sobre o tema CRECHES, tanto de livros especializados, quanto de teses, relatórios, projetos de pesquisa, etc. Tal levantamento foi feito com o propósito de servir de ponto de partida para estudos e pesquisas que eventualmente venham a ser realizados com o apoio do Centro da Mulher Brasileira.

É neste ponto que se pode situar o caráter aplicado que a pesquisa pretende ter, sugerindo pontos concretos de operação e comprometendo o Centro da Mulher Brasileira com uma ação política voltada especificamente para o problema da falta de creches para os filhos da mulher trabalhadora nos grupos de baixa renda.

A pesquisa tem como objetivo principal, como mãe, trabalhar e entregar os resultados, entregando os resultados

de nosso trabalho resumidos no presente relatório.

Rio de Janeiro, de fevereiro de 1980.

1 Rebecca Machi Moura

2 Melina

3 Amiada Edinele Souto Tavares Souto

4 Yvonia Luisa Lemos Dias

5 Miriam Estela de Oliveira Lemos

## 1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Dado que as primeiras mulheres trabalhadoras passaram a integrar a população economicamente ativa no meio urbano brasileiro, tem-se debatido a necessidade de criação de uma sólida infraestrutura de serviços visando a reduzir os encargos tradicionais com a casa, os filhos e a família, a fim de permitir-lhe competir com o homem, em pé de igualdade, no mercado laboral.

De outro lado, hoje tem-se como pacífica a importância do atendimento institucional às crianças na fase pré-escolar, com vistas a seu pleno desenvolvimento psíquico e social. Tal atendimento, nas sociedades em processo de industrialização, dá-se em creches, escolas maternas e jardins de infância e a expansão dessa rede de instituições tende a se transformar em uma das preocupações mais acentuadas de qualquer sistema político, no campo da assistência e do bem-estar social. No cruzamento dessas duas necessidades - a da mãe trabalhadora e da criança na primeira infância - situam-se as creches que se constituem no objeto desta nossa pesquisa.

Tradicionalmente relegadas a segundo plano, no conjunto da política de atendimento à classe trabalhadora, no Brasil, tais instituições cresceram em um ritmo de tal forma lento que no final dos anos setenta defrontamos com uma situação de verdadeira crise: o número de vagas oferecidas nas creches existentes nem de perto corresponde à demanda efetiva e tal defasagem é também mais flagrante quanto mais baixo é o nível da renda da mulher ou da família que procura a creche. Os depoimentos prestados junto à Comissão Parlamentar de Inquérito que investigou, no Congresso, as discriminações que pesam sobre a mulher em nossa sociedade, no ano de 1977, salientaram reiteradamente a questão da falta de creches como uma das principais lacunas da Previdência Social entre nós. (2)

Não há, entretanto, no âmbito do congresso de mulheres que não levante este problema. (3) Instituições de caráter assistencial, como o Instituto Nacional de Assistência, a Fundação

De outro lado, a iniciativa privada tem observado grande interesse na criação de creches e escolas maternas, tendo no entanto um caráter essencialmente econômico, visando ao aumento da produtividade e à redução dos custos de produção. Estas iniciativas, embora possam trazer benefícios diretos para a comunidade, são motivadas por interesses privados e não refletem necessariamente o interesse social.

De outro lado, a iniciativa privada tem observado grande interesse na criação de creches e escolas maternas, tendo no entanto um caráter essencialmente econômico, visando ao aumento da produtividade e à redução dos custos de produção. Estas iniciativas, embora possam trazer benefícios diretos para a comunidade, são motivadas por interesses privados e não refletem necessariamente o interesse social.

De outro lado, a iniciativa privada tem observado grande interesse na criação de creches e escolas maternas, tendo no entanto um caráter essencialmente econômico, visando ao aumento da produtividade e à redução dos custos de produção. Estas iniciativas, embora possam trazer benefícios diretos para a comunidade, são motivadas por interesses privados e não refletem necessariamente o interesse social.

De outro lado, a iniciativa privada tem observado grande interesse na criação de creches e escolas maternas, tendo no entanto um caráter essencialmente econômico, visando ao aumento da produtividade e à redução dos custos de produção. Estas iniciativas, embora possam trazer benefícios diretos para a comunidade, são motivadas por interesses privados e não refletem necessariamente o interesse social.

De outro lado, a iniciativa privada tem observado grande interesse na criação de creches e escolas maternas, tendo no entanto um caráter essencialmente econômico, visando ao aumento da produtividade e à redução dos custos de produção. Estas iniciativas, embora possam trazer benefícios diretos para a comunidade, são motivadas por interesses privados e não refletem necessariamente o interesse social.

Nacional de Bem Estar do Menor, o Serviço Social do Comércio, da Indústria, para citar apenas estes, tem se preocupado com a necessidade de planejar uma nova política voltada para o atendimento das crianças na faixa pré-escolar. Problemas sociais como delinqüência e criminalidade juvenil, menores marginalizados e violência têm sido relacionados com o sistemático abandono de menores nas famílias de baixa renda. É entre tais menores que são recrutados os futuros membros dos grupos delinquentes que hoje se converteram em uma das maiores preocupações de nossa sociedade. (4)

O Ano Internacional da Criança ensejou reiterados debates em torno da questão. A UNESCO fez divulgar em todos os países membros da ONU um Relatório elaborado pelo Conselho Executivo da Comissão do AIC que, entre outros pontos, acentua a urgên-cia em dar-se uma atenção maior às necessidades das crianças em idade pré-escolar, tendo em vista "os novos conhecimentos que se têm sobre a importância da primeira infância no desenvolvimento da personalidade, a proporção crescente de mães na população economicamente ativa e a evolução dos papéis da família". (5)

Da parte do Governo brasileiro, a questão tem merecido reiteradas declarações de Ministros das áreas de Saúde, Previdência e Assistência Social, trabalho e Educação, bem como de seus assessores mais diretos. Planos e Projetos de expansão sucedem-se (6), promessas multiplicam-se, mas a ampliação das instituições voltadas para o atendimento ao pré-escolar, durante a jornada de trabalho da mãe, não corresponde, nem de longe, ao ritmo de crescimento da mão de obra feminina no mercado de trabalho, nos centros urbanos brasileiros.

De outro lado, a iniciativa privada tem mostrado grande interesse na criação de creches e escolas maternas funcionando em horário integral. Os preços cobrados por estas instituições são em termos excessivos a famílias das faixas salariais mais altas, e quanto as demais são obrigadas a recorrer a outros expedientes como a ajuda de vizinhos e parentes idosos, quando não

em casa, os mais velhos ocupam



mais de 30 empregadas, que estão, por lei, protegidas no seu direito de atendimento aos filhos no período de aleitamento, na prática estão tão desamparadas quanto às demais. A legislação só em caráter excepcional é cumprida, por uma ou outra empresa de maior porte. O sistema de convênios, criado/previsto por lei complementar à CLT (7) não atingiu os objetivos previstos e as Delegacias Regionais do Trabalho alegam não ter condições de fiscalizar efetivamente as empresas. Os sindicatos, por sua vez, pouco interesse tem demonstrado em pressionar as empresas ou o Ministério no sentido de fazer cumprir a lei. Mesmo nos órgãos de classe em que as mulheres constituem maioria dos associados, não se conhece no Rio de Janeiro nenhum caso de mobilização ampla e persistente visando à solução do problema.

Nos anos mais recentes, a partir de 77/78, temos assistido algumas tentativas de organização de grupos de mulheres trabalhadoras (na maioria, de empresas de economia mista) visando à criação de creches nos locais de trabalho. No Rio de Janeiro, em 1979, foi criado o Movimento pro-Creche que tem desenvolvido, com o apoio do Centro da Mulher Brasileira e do Jornal Brasil Mulher, um trabalho de mobilização e propaganda junto à mães e pais trabalhadores visando a constituição de grupos de pressão para atuarem junto às empresas e aos poderes públicos com vistas à criação de creches e centros infantis, funcionando em tempo integral.

Em São Paulo, este movimento partiu, muitas vezes, das associações de moradores e de donas de casas da periferia e tem registrado algumas vitórias expressivas com relação ao problema. (8)

Do ponto de vista político, o aspecto positivo de tal mobilização consiste em que, ao se organizarem para lutar por reivindicações deste gênero, as mulheres trabalhadoras, como as donas de casa, iniciam um aprendizado fecundo que tende a levá-las a uma participação cada vez mais ativa como sujeitos do processo social, transcendendo resistências culturais milenares e criando oportunidades para a sua participação.

Esta é uma preocupação que tem de ser tratada com urgência, pois a falta de participação que

exclui o paternalismo do Estado ou do Governo e que busca afirmar-se na auto-gestão e na organização a partir das bases.

Experiências de creches-lar e de creches-cooperativas começam a ser tentadas de forma sistemática e expressam uma nova percepção do problema, fora dos quadros institucionais marcados pela tradição. (9)

Neste sentido, nessa pesquisa, embora preocupada em detectar a realidade das creches no Rio de Janeiro, não deixou de lado a preocupação com novas soluções e respostas espontâneas que a própria comunidade vai criando, na medida em que se altera o quadro social e econômico do meio urbano brasileiro.

## NOTAS

- (1) Conforme projeto original apresentado à FIOCRUZ, em setembro de 1976, pág. 2.
- (2) Conforme relatório final da Comissão Mista Parlamentar de Inquérito (Brasília, 1977) e, em particular, os depoimentos de Maria Malta Campos/Carmem Barroso, da Fundação Carlos Chagas e Noema Toscano, do Centro da Mulher Brasileira, do Rio de Janeiro.
- (3) Para citar apenas exemplos mais recentes:  
1º Congresso da Mulher Metalúrgica (São Paulo, 1976)  
1º Congresso da Mulher Paulista (São Paulo, março de 1979)
- (4) Encontro Nacional de Mulheres (Rio, março de 1979)  
Conforme Relatório do Congresso Nacional sobre a CPI destinada a investigar o Problema da Criança e do Menor Carente no Brasil.
- (5) UNESCO: Les besoins des enfants des pays en développement, dans les domaines de compétence de l'Unesco.
- (6) PROJETO CIAPES - LBA, Rio, 1976  
PROJETO DUAPE - LBA / Secretaria de Trabalho e Ação Social do Rio Grande do Sul - 1976  
PROJETO CASULO - Diretrizes básicas para implantação e funcionamento - LBA, Departamento de Serviço Social, 1978.
- (7) Referimo-nos ao Decreto-Lei nº 229, de 28 de fevereiro de 1967 que revogou o art. 398 da CLT e alterou a redação do art. 397, criando a alternativa dos convênios para as empresas com menos de 50 empregados e das creches distritais, como alternativa às creches nas empresas.

- (8) No Município de São Paulo, a Secretaria de Bem-Estar Social da Prefeitura vem deliberar uma verba destinada à construção de mini-creches em vários pontos da cidade de São Paulo, como resposta à atuação de tais grupos.
- (9) Em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, um grupo de jornalistas criou, no ano de 1978, uma creche sob a forma de cooperativa, funcionando 24 horas por dia para atender à especificidade das condições de trabalho destas profissionais.

## 2. HISTÓRICO DO PROJETO

Quando iniciamos nossa reflexão sobre o questão das creches - logo após a fundação do Centro da Mulher Brasileira - tínhamos como idéia central a intenção de conhecer em maior profundidade como estava estruturada e como funcionava a rede de instituições de atendimento ao filho da mulher trabalhadora. Como ponto de partida para tal aproximação, buscamos obter junto aos chamados "órgãos competentes" a relação das creches em funcionamento no Município do Rio de Janeiro. No Ministério do Trabalho, tal órgão era, na ocasião, o Departamento de Proteção do Trabalho da Mulher e da Criança, subordinado à Delegacia Regional do Trabalho do Rio de Janeiro. No Ministério da Saúde, o órgão que se ocupava com creches era o Serviço de Atendimento Materno-Infantil, hoje transferido para Brasília.

Obtida a relação das creches, com os respectivos endereços, procuramos entrar em contato com as responsáveis pelas mesmas, interessadas que estávamos, naquela oportunidade, em promover um encontro de nosso Grupo com pessoas que vivenciassem, na prática, a experiência da creche. Desde as primeiras investidas, verificamos que a relação mencionada apresentava uma série de lacunas que a tornavam um instrumento muito precário de apoio ao nosso trabalho: muitas das instituições ali citadas como creches, eram, na verdade, orfanatos, jardins de infância ou abrigo de crianças abandonadas; outras vezes, as instituições já não existiam há muitos anos e seus prédios serviam inclusive a organizações de gênero completamente distintas; também verificamos que inúmeras creches criadas mais recentemente não constavam nem da relação do Ministério do Trabalho, nem da do Ministério da Saúde.

Foi então que nosso grupo teve, pela primeira vez, a idéia de tentar um trabalho empírico com o levantamento atualizado das creches e sua classificação, de acordo com critérios funcionais, e não apenas de acordo com a natureza da entidade que as possuía.

Por coincidência, nessa mesma ocasião, tomávamos conhecimento de que o Projeto PEPPE-PESES da Fundação Oswaldo Cruz abria inscrições para financiamento de pesquisas no campo da política social ligada à saúde. Concorremos com nosso projeto obtivemos aprovação do órgão financiador e, finalmente, agora, depois de 3 anos de espera, pudemos desenvolver a pesquisa.

### 3. CRECHES NO RIO DE JANEIRO: QUANTAS SÃO E COMO FUNCIONAM

#### 3.1 METODOLOGIA ADOPTADA

A idéia original de nossa pesquisa descrita no item 3 teve de ser ajustada à realidade de uma verba reduzida em mais de 50% do que fora prevista em 1976 e de um prazo de um mês e meio, ao invés dos oito meses do projeto inicial.

Para nós continua válida a urgência e a necessidade de se conhecer a realidade da situação das creches, como primeiro passo para qualquer outra discussão. Porém em função das novas condições que nos foram propostas fomos obrigados a redirecionar a pesquisa. Assim que, não havendo mais tempo material para mapear todas as creches em funcionamento no Município do Rio de Janeiro, optamos por reduzir nossa pesquisa de campo a duas etapas que, na verdade se complementam:

a) no primeiro momento, tentariamos refazer a relação original das creches a que já fizemos referência atrás, utilizando-nos dos recursos a nosso alcance, como contatos telefônicos, listas de assinantes e listas amarelas, anúncios de jornal e depoimentos de pessoas idôneas. Desta relação constariam:

1. nome da creche e da instituição mantenedora ( quando for o caso)
2. endereço completo
3. horário de funcionamento
4. faixa etária das crianças atendidas

b) no segundo momento, optamos por retirar da relação original uma amostra representativa, acrescida de um número equivalente de creches recentemente criadas (após a fundação do CIM), sendo que este último dado nos permitiria conhecer também como tal expansão refletia, para as instituições, o cenário sócio-econômico ao

qual se destina e pelas faixas de idade que elas se propõem a atender.

Tal amostra, distribuída aleatoriamente por todo o território do Município, deveria cobrir as regiões administrativas de maior densidade demográfica e seus principais bairros. As creches selecionadas seriam visitadas pessoalmente por nós e a elas aplicaríamos um questionário simples, com vistas a identificar pelo menos 3 pontos que nos pareciam mais significativos:

- a) caracterização da instituição, seus vínculos com outras instituições públicas ou privadas, fontes de receita e dificuldades apontadas para sua manutenção.
- b) condições mínimas de atendimento às crianças, faixas etárias cobertas, convênios existentes, relação vaga/demanda.
- c) caracterização das mães que se utilizam dos serviços da creche, se trabalham ou não e profissões predominantes no primeiro caso.

Não consideramos que os resultados obtidos através deste questionário nos permitam generalizar as conclusões para o universo que não tivemos ocasião de conhecer e muito menos consideramos que elas possam ser estendidas para os centros urbanos de outros estados. Mas parece-nos legítimo pressupor que uma amostra que abrange aproximadamente 30% do total das creches existentes no Município do Rio de Janeiro é bastante representativa para permitir uma visão objetiva e segura da realidade global.

Muitos dos aspectos observados serviram para nos mostrar as limitações do próprio questionário que, por absoluta falta de tempo, não pudemos submeter ao pré-teste que seria indicado. De outro lado, muito mais do que pretendíamos obter, tivemos reveladas nas entrelinhas das respostas dadas e, a partir dessas revelações, novas hipóteses para serem trabalhadas em posteriores pesquisas.



### 3.2 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa se realizou a partir de uma listagem de creches no Município do Rio de Janeiro. Esta lista continha 108 creches registradas e datava do ano de 1976.

Numa primeira triagem feita a partir de telefonemas ou visitas, verificou-se que 26 delas apresentavam dificuldades de serem pesquisadas. Muitas estavam em férias, sem ninguém para fornecer informações. Algumas tinham fechado, outras mudado de atividade, outras ainda, embora da lista constasse seu endereço e/ou telefone, em nenhum dos dois meios de contato foi possível obter informações sobre sua existência. Houve, igualmente, aquelas que não puderam ser localizadas por não apresentarem endereço, telefone, ou qualquer outro meio de contato.

Das demais 82 creches, 6 delas não puderam ser visitadas, ficando assim o universo da pesquisa restrito a 76 creches.

Considerou-se ainda, que havia alguns casos que não correspondiam às nossas intenções. Assim, da lista original foram retiradas todas aquelas que são na verdade orfanatos, ou instituições que aceitam somente crianças a partir de 4 ou 5 anos, permanecendo com elas durante seu período de escolarização, na maioria das vezes sob regime de internato. Estas perfazem um total de 10 registros.

Eliminando-se todas estas, o universo da pesquisa ficou em 66 creches, das quais, por motivo do curto espaço de tempo para a sua realização, somente 45 foram visitadas e submetidas aos instrumentos de coleta e entrevista. As demais, foram checadas por telefone, apenas para confirmação de sua existência, endereço, e características que a incluíam no universo de pesquisa, a partir da formulação de que creche é aquela instituição que atende aos filhos de famílias pobres, na faixa pré-escolar, durante seu período de creche.

Estas 45 creches apresentavam características gerais que mereciam uma subdivisão. Assim, nosso universo continha:

1) De acordo com a Característica Administrativa

Creches de Obras Sociais	-----	24
Creches Particulares	-----	8
Creches de Empresas	-----	13

Consideramos creche particular a que tem fins lucrativos e mantém-se a partir basicamente, da mensalidade dos pais. A creche de Obra Social é a que não possui fins lucrativos. Já a creche de Empresa é aquela que serve aos funcionários da Empresa, sendo mantida pela mesma.

2) De acordo com a localização

Zona Sul	-----	20 creches
Zona Norte	-----	19 creches
Centro	-----	6 creches

Tais dados nos indicam que foi possível detectar diversos tipos de creches, tanto no que se refere à entidade de mantenedora, quanto à sua distribuição pelo Município.

3) Data de Fundação

Tomaram-se como marcos datas arbitrárias (1939,1949) e a data de modificação de legislação (1967) que permitirá comparar ocorrências no tempo. Assim:

NÚMERO DE CRECHES  
ENTIDADE MANTENEDORA

PERÍODO	OBRAS SOCIAIS	PARTICULARES	EMPRESA	TOTAL
Até 1947	3	-	1	4
De 1948 a 1949	4	-	2	6
De 1950 a 1956	5	-	4	9
De 1957 a 1979	10	8	6	24
Sem Informação	2	-	-	2
<b>T o t a l</b>	<b>24</b>	<b>8</b>	<b>13</b>	<b>45</b>

Fica evidente uma tendência ao crescimento da rede de creches no último período, correspondendo a mais da metade do total, inclusive com o surgimento de muitas creches particulares nos anos mais recentes.

Convém agora entrarmos no mérito. Temos examinado o item por item, do questionário, levando em conta a variável Entidade Mantenedora.

I) Horário de Funcionamento:

HORÁRIO	ENTIDADE MANTENEDORA			
	OBRAS SOCIAIS	PARTICULARES	EMPRESA	TOTAL
Integral	13	3	8	24
Meio Expediente	1	-	-	1
Ambos	3	5	5	13
Internato	7	-	-	7
<b>T o t a l</b>	<b>24</b>	<b>8</b>	<b>13</b>	<b>45</b>

Pode-se perceber, nitidamente, a tendência para as creches atenderem por tempo integral. A ocorrência do "meio expediente" junto a tempo integral está bem clara, principalmente nas creches particulares onde é majoritária a presença, isto é, oferece-se às mães que podem pagar a opção pelo horário. Já as creches de Obras Sociais e de Empresas, embora em alguns casos, possam aceitar crianças por "meio expediente", a tendência é de oferecerem "tempo integral".

## II) Recursos Disponíveis:

Houve diversidade quanto às fontes de recursos que variam conforme o tipo de entidade mantenedora:

TIPO DE RECURSOS	ENTIDADE MANTENEDORA			
	OBRAS SOCIAIS	PARTICULARES	EMPRESA	TOTAL
Convênio	32	2	2	36
Credenciamento com Empresas	-	1	-	1
Mensalidade dos Pais	18	8	3	29
Donativos	16	-	1	17
Recursos próprios	-	-	7	7
T o t a l	66	11	13	90

Nota: Como houve várias respostas ao quesito, o total é superior ao número de creches.

Convém assinalarmos que na situação de CONVÊNIO, a Empresa fica com direito a um certo número de vagas na creche contratada, mediante o pagamento de quantia estipulada por vaga reservada, quer tenha crianças ou não.

Em no sistema de CREDENCIAMENTO, a Empresa só é aceita quando mantém o direito de escolher a creche que

mais lhe convém, restituindo-lhe, total ou parcialmente, a mensalidade paga. Muitas empresas inclusive, possuem uma lista de creches que oferecem à escolha da mãe.

Voltando ao quadro, pode-se verificar a predominância de recursos obtidos através de convênios, fundamentais nas Obras Sociais, onde são seguidos pela mensalidade dos pais e por donativos. Já nas creches particulares dá-se algo diferente: o recurso fundamental é a mensalidade dos pais, aparecendo em todas as creches particulares pesquisadas, sendo na maioria delas a única fonte de recursos ( 6 em 8). Embora apareça um caso de creche com credenciamento, em termos da creche não há modificação no que diz respeito à mensalidade, pois esta é cobrada normalmente, sendo reembolsada aos pais pela empresa.

Apenas nas creches de Empresas identificamos o item "recursos próprios".

Quanto ao número de convênios por creche, encontramos:

NÚMERO DE CONVÊNIOS	ENTIDADES MANTENEDORA	
	OBRAS SOCIAIS	PARTICULARES
Não têm convênio	5	6
Têm 1 convênio	10	1
Têm 2 convênios	7	-
Têm 3 convênios	1	-
Têm 4 convênios	-	1
Têm mais de 4 Convênios	1	-
T o t a l	24	8

Aqui podemos perceber que a grande quantidade de convênios ocorre nas Obras Sociais. Somente 5 em 24 não possuem convênio. Porém, a tendência é de se fazer apenas um ou dois convênios (17 creches em 24). Já as particula-

res parecem evitá-los: 6 em 8 creches não possuem convênio.

Entre as Entidades conveniadas temos: LBA com 14 registros, sendo apenas dois projeto Casulo; FEEM com 8; FUNABEL com 2, no caso das Obras Sociais. Entretanto, há ainda convênios específicos com fins de alimentação e de orientação pedagógica. Aqui encontramos entidades como COSEAS e CHER. Já as creches particulares e de empresas têm convênios com outras empresas ou são por elas credenciadas. Não há nenhum caso de IBA ou FEEM, por exemplo, em creches particulares ou de empresas, o que indica que crianças pertencentes a um grupo notadamente de baixa renda não se "misturam" com crianças de classe média e média alta (cujos pais podem pagar por uma creche).

No item referente à mensalidade dos pais, encontramos também uma grande diversidade de situações. Desde o pagamento de 15% do salário-mínimo no caso de uma creche de empresa, até pagamentos que vão de Cr\$100,00 a Cr\$7.200,00 nas demais. É evidente que existe uma grande oscilação entre as Obras sociais que cobram pouco e as particulares que cobram a nível de mercado.

### III) Dificuldades no Funcionamento:

TIPO DE DIFICULDADES	Nº DE CRECHES POR ENTIDADE MANTENEDORA		
	OBRAS SOCIAIS	PARTICULARES	EMPRESAS
Não há	7	6	10
Financeiras	15	2	1
Necessidade de melhoria nas instalações	5	-	1
Falta ou inadequação de pessoal especializado	3	-	1
Na Alimentação	4	1	-
Outras	-	1	-
<b>Total</b>	<b>34</b>	<b>10</b>	<b>13</b>

Nota: O total de creches com dificuldades é de 57, sendo 24 em Obras Sociais, 11 em Particulares e 22 em Empresas.

Esta tabela é bem elucidativa. Primeiro, que é nítido serem as creches de empresas as que têm menos dificuldades, em geral. Depois, as particulares (mais da metade), sendo que o contrário ocorre com as Obras Sociais, às voltas com sérios problemas financeiros para manter os serviços, inclusive no que se refere às próprias instalações.

Segundo, que o pessoal especializado não é problema nas creches particulares, mas aparece como "dificuldade" em 3 Obras Sociais e em 1 creche de empresa. Por fim, chamamos a atenção o item "relacionamento com as mães" que, embora responsáveis pelas crianças, seus filhos, somente em um caso é dificuldade citada, e isto em uma creche particular. Talvez neste caso, por pagarem, ou por terem maior esclarecimento, tenham exigências a fazer. Mas estranhamos que nada ocorra a esse respeito nas demais. Será acomodação das próprias mães ou a creche é vista por elas como uma solução a outros problemas, talvez maiores e neste caso, não procurariam criar conflitos com a Administração.

IV) Faixa Etária Atendida:

Encontramos variação considerável quanto aos limites de faixa etária atendida. Não existe uma concordância quanto a estes limites o que faz difícil expressar tais dados em uma tabela. Por exemplo, há creches que atendem crianças de 3 a 6 meses, outras de 3 a 12 meses, outras ainda de 6 a 12 meses, nos casos do primeiro ano de vida. Com as crianças acima desta idade também é grande a variação. Por exemplo, há que atendem crianças de 4 a 5 anos, ou de 1 a 3 anos, ou 3 a 4 anos, ou de 0 a 2 anos, ou ainda de 2 a 3 anos.

Achamos interessante elaborar, primeiro, uma tabela que nos mostrasse quantas creches atendem crianças de determinada idade. Ao elaborá-la não levamos em conta a faixa etária que a creche atende, mas se uma criança de tal idade está sendo atendida:

FAIXA ETÁRIA	Nº DE CRECHES POR TIPO DE ENTIDADE MANTENEDORA			
	OBRAS SOCIAIS	PARTICULARES	EMPRESA	TOTAL
Até 3 meses	12	-	11	23
3 a 6 meses	14	2	8	24
6 a 12 meses	15	4	11	30
12 a 18 meses	16	6	11	33
18 a 24 meses	16	6	10	32
24 a 36 meses	20	7	9	36
36 a 48 meses	19	6	4	30
48 a 60 meses	14	6	2	22
60 meses e mais	16	6	1	23

Um primeiro dado fica claro. As creches particulares não atendem, em geral, crianças na idade de 0 a 3 meses de idade e poucas (2 em 8) dois 3 aos 6 meses. Elas vão procurar atender crianças com mais de 12 meses. Já as creches de empresa (13), tendem a atender crianças na faixa de 0 a 18 meses, sendo depois decrescente o atendimento das faixas etárias subsequentes, principalmente depois dos 36 meses de idade.

São as creches das Obras Sociais que tendem a lidar com crianças de todas as faixas etárias. Dentre as 24 visitadas e questionadas, verificamos que a faixa etária mais presente é de 24 a 36 meses (20 casos). Mas a faixa etária menos atendida (de 0 a 3 meses, 12 casos), assim mesmo, corresponde à metade das creches.

Vejamos agora a duração da faixa de idade atendida pelas creches. Para isso tomamos o número total de meses



DURAÇÃO ENTRE OS LIMITES DA FAIXA ETÁRIA	Nº DE CRECHES DE ACORDO COM A ENTIDADE MANTENEDORA			
	OBRAS SOCIAIS	PARTICULARES	EMPRESA	TOTAL
12 meses	-	-	2	2
24 meses	2	-	2	4
36 meses	4	2	5	11
48 meses	4	1	3	8
Mais de 48 meses	14	5	1	20
T o t a l	24	8	13	45

As creches de Obras Sociais tendem a receber a criança e permanecer com ela 4 e mais anos (18 casos em 24). Exatamente o contrário ocorre com as creches de empresas (4 em 13). Já as particulares tendem para esta permanência longa da criança na creche, indicando nitidamente tal processo, um alongamento, quase que desde o nascimento da criança, de sua socialização por via institucional, marcante, mesmo entre aqueles que dispõem de recursos materiais para sustentar os filhos. O tempo mínimo de duração da oferta da creche às diversas faixas etárias ocorreu em dois casos em empresas (12 meses). Mas há uma não especialização das creches, o que pode levantar dúvidas - que só um estudo aprofundado poderia mostrar - quanto à não ocorrência de dificuldades no que se refere ao pessoal especializado.

O que os dados mostram é que a instituição creche tende a ampliar sua oferta de serviços, abrindo o leque da faixa etária de atendimento, o que pode levar uma criança a entrar para ela logo após nascer e nela permanecer até a idade escolar. Em Obras Sociais ficou nítido, que é aí mesmo, em muitos casos, que continuam seus estudos de 1º grau.

v) Número de Vagas:

... ..

É evidente que tudo depende das instalações disponíveis, mas é bem distinto o caso de 350 vagas nas faixas de 3 meses a 3 anos de uma creche de empresa, para 5 de 3 meses a 6 meses de uma creche particular.

Aqui é válida uma análise detalhada, embora os dados fornecidos nem sempre representem a realidade. É que uma coisa é a capacidade da creche, outra a ocupação efetiva, e ainda outra as vagas disponíveis. Em muitos casos, o entrevistado, embora pessoa em condições de responder, confundia vagas com capacidade, ou ainda, admitia sempre a possibilidade de ampliação se houvesse procura ou recursos financeiros para isso. O que nos parece um dado de fato simples de ser coletado, tornou-se confuso em alguns aspectos. Convém acrescentar a época de realização da pesquisa. É que as creches parecem vivenciar momentos de alta procura, seguida de momentos de férias e de conseqüente paralização e esvaziamento. As Obras Sociais, por exemplo, podem começar o ano com um número fixo de vagas, eletivar novo convênio no decorrer do ano e ampliar as vagas existentes, isto porque as vagas utilizadas não eram correspondentes às suas instalações e sim aos recursos financeiros disponíveis. Vários outros aspectos poderiam ser levantados, mas cuja significação talvez ficasse melhor discutida no estudo de caso.

Na época da pesquisa encontrou-se o seguinte número de crianças matriculadas de acordo com o número de creches e a Entidade Mantenedora:

ENTIDADE	Nº DE CRECHES	Nº DE CRIANÇAS MATRICULADAS	MÉDIA POR CRECHE
Obras Sociais	24	5295	220
Particulares	8	741	92
Empresas	13	935	72
T o t a l	45	6971	155

Chama-nos a atenção neste quadro a imensa superioridade numérica de crianças em creches de Obras Sociais em relação às de creches particulares e de empresas, principalmente tendo em vista, com relação a estas últimas, a obrigatoriedade legal de fornecer às suas funcionárias serviços de creches. A proporção de crianças/creches, no que se refere às Obras Sociais também parece ser bastante elevada, o que nos faz pensar, mais uma vez a respeito das dificuldades com relação a instalações e mão-de-obra especializada para o atendimento dessas crianças.

Quando se perguntou sobre a existência de vagas disponíveis na creche, obtivemos os seguintes resultados:

Existência de Vagas nas Creches

	OBRAS SOCIAIS	PARTICULARES	EMPRESA	TOTAL
Sim	3	1 <sup>1</sup>	4	8
Não	20	7 <sup>11</sup>	6	33
Sem Informação	1 <sup>111</sup>	-	3	4
Total	24	8	13	45

<sup>1</sup>- Houve ampliação de instalações

<sup>11</sup>- A ocorrência de vagas é possível no início de cada ano

<sup>111</sup>- Estão no período de matrícula, não podendo especificar

Aqui pode notar que cerca de 75% das creches pesquisadas indicaram não possuir vagas, apesar da época em que foi realizada a pesquisa, quando era difícil definir este tipo de coisa.

#### VI) Atividade Materna:

Neste item procurou-se saber junto às creches qual a proporção de mães que trabalhavam fora de casa. As respostas foram as seguintes por Entidades Mantenedora:

MÃE TRABALHA FORA	OBRA SOCIAL	PARTICULAR	EMPRESA	TOTAL
Todas	17	1	11	29
Grande Parte	5	7	2	14
Alguas	2*	-	-	2
T o t a l	24	8	13	45

\* Estas dizem respeito a uma maioria de crianças da FEEM ou FUNABEM que não possuem mãe, ou cuja triagem é feita pela própria instituição que manda a criança, não sendo possível, dizer qualquer coisa a respeito do trabalho da mãe, tendo sido a resposta dada, apenas em função das outras mães, de quem se sabia a informação.

Percebe-se que a maior tendência é para que a mãe trabalhe fora; o item "todas" foi predominante tanto nas creches de Obras Sociais quanto nas de empresas, o que nos indica que de fato estas representam uma real necessidade para a mãe. O mesmo não ocorre com as creches particulares, cuja predominância foi de "grande parte" das mães trabalharem fora, porém não todas. Este dado pode indicar uma crença nos pressupostos de um melhor desenvolvimento infantil colocado na socialização precoce da criança. A criança iria para a creche mesmo que sua mãe tivesse condições de ficar com ela em casa.

Outro dado bastante importante foi a ocorrência de mães que, apesar de não terem o direito à creche, desde que comprove que sua esposa também trabalha fora. Isto parece ser uma abertura no que diz respeito ao cuidado com as filhas menores, já que a lei versa apenas sobre a mulher.

Preocupou-se saber também a ocupação predominante da mãe. Os resultados foram os seguintes, pela ordem:

## Ocupação predominante da mãe

OBRAS SOCIAIS	PARTICULARES	EMPRESAS
1) Empregada Doméstica	1) Atividades Liberais	1) Funcionárias da Empresa
2) Comerciante	2) Funcionárias de Empresas	2) Funcionárias Públicas
3) Funcionária Pública	3) Funcionárias Públicas	3) Atividades Liberais

Fica bastante claro neste quadro que a população de menor recurso se encontra nas Obras Sociais, enquanto que nas creches particulares e de empresas o tipo de clientela é o mesmo variando apenas a predominância.

#### 4. CONCLUSÕES

O primeiro fato que nos chama a atenção é o grande número de creches fechadas, em férias. Coincidentemente este é também o período de férias escolares, o que parece indicar uma identificação da instituição creche com a instituição escola.

No caso das creches particulares, onde isto ocorre com maior frequência, a atividade materna concentra-se na área de "atividades liberais", podendo a mãe fazer coincidir as suas férias com as de seus filhos mais velhos, já na escola, ou mesmo apenas com o verão.

O mesmo não ocorre com a maioria das mulheres, assalariadas, que não escolhem seu período de férias. Como ficam então os filhos dessas mulheres, enquanto suas mães trabalham, estando a creche fechada?

Outro fato que merece ser destacado é o aumento do número de creches nos últimos 10-12 anos. Deu-se inclusive neste período, o surgimento das creches particulares (ao menos as de nossa amostra).

Isto pode estar significando duas coisas:

- 1º) A mulher está entrando cada vez mais no mercado de trabalho (mesmo a que teria condições financeiras de permanecer em casa), seja por razões financeiras, ou pela consciência da necessidade de independência e realização profissional.
- 2º) Ênfase na preocupação com a educação das crianças, procurando pratar-lhes o desenvolvimento da personalidade levando em conta os princípios da socialização.

Baseando-se a esses dados, temos os que indicam uma forte permanência da criança na creche (4, 5 anos e até mais), e que muitas vezes ocorre a partir, logo, de seu nascimento.

Com isso podem-se prever mudanças substanciais na estrutura familiar e social, pois se antes a mulher ficava em casa com seu filho, agora já não fica mais, sai para trabalhar. Já as crianças, antes perto da mãe quase que tempo integral, em espaços mais amplos, hoje parecem sofrer uma institucionalização crescente.

Neste ponto, vale chamar a atenção para diferenças básicas entre os três tipos de creches por nós definidos:

1) As creches particulares tendem a não receber crianças muito pequenas. Começam a fazê-lo a partir dos 6 meses de idade. Portanto a criança passa uma fase fundamental de seu desenvolvimento, ou seja, os primeiros meses de vida junto à mãe, ou pelo menos em casa. Talvez isso indique um preconceito das mães em relação à creche para o filho muito novinho, e em última instância a sua possibilidade de optar entre colocar ou não o filho na creche.

Já entre as Obras Sociais e as creches de empresas, é expressivamente alto o número das que recebem crianças até 3 meses de idade (ou seja, desde que nascem, ou desde que a mãe retorna ao trabalho, após a licença a que tem direito por lei). Fica claro que estas mães não têm opção: ou creche, ou solução talvez pior; isto porque elas têm que trabalhar.

2) As Obras Sociais enfrentam graves problemas de ordem financeira, e cada vez mais, os convênios surgem como fonte de recursos para estas creches, ocorrendo como consequência uma apropriação cada vez maior das mesmas por entidades tais como LBA, FEEM e FUNABEM. Com isso, agravam-se as dificuldades com as instalações, geralmente precárias, e com o excesso de crianças para um reduzido número de funcionários.

Com relação às creches particulares e de empresas a situação é outra: possuem maiores recursos, e de fontes mais seguras, o que garante maior autonomia. Aqui aparecem dificuldades qualitativamente diferentes, tais como as de uma creche particular no "relacionamento com a mãe". Estas, talvez por pagarem caro, ou por serem particulares, têm mais exigências

a fazer. O curioso é que esse tipo de coisa nem de leve é mencionado pelas demais creches. Será que as mães, mesmo sendo as responsáveis pelas crianças, não se sentem em condições de fazer exigências, talvez porque saquem pouco (no caso das Obras Sociais)? Será acomodação? Ou talvez nem pense que têm direito a opinar, ou ainda tenham problemas bem maiores a dar atenção.

O fato é que existe uma diferença gritante entre as mensalidades pagas em uma creche particular, onde são altíssimas, permitindo a muito poucos o seu acesso, e a "quantia simbólica" exigida nas Obras Sociais (que em proporção ao que as mulheres ganham, talvez não seja tão "simbólica").

Outro dado importante é o de que não há convênios com LBA ou FLEB em creches particulares ou de empresas. O que indica haver uma nítida separação entre as populações de alta e de baixa renda.

3) O grosso da clientela nas Obras Sociais é de empregadas domésticas. Podemos pensar no significado deste fato como solução para a mulher de classe média, em termos de manter a empregada doméstica livre para trabalhar. Tanto mais que essas creches parecem contar com o apoio daquela população (classe média), no que diz respeito a doativos, trabalho voluntário, incentivos, etc.

Nas creches de empresas a clientela é a mesma das creches particulares, ou seja, funcionárias de empresas, funcionárias públicas e profissionais liberais, porém, com predominâncias diferentes. Talvez não sendo atendidas apenas as funcionárias mais graduadas das empresas. Isto, acrescido do dado de haver poucas creches de empresa, e o número médio de crianças por creche ter sido o mais baixo entre os três tipos, nos faz pensar num incerto continente de mulheres, de baixa renda, que não estão sendo cobertas por creche. Que soluções estarão encontrando estas mulheres para o problema da criação com os filhos pequenos, durante as jornadas de trabalho?



### 3.3 O COTIDIANO DA CRECHE (ESTUDO DE CASO)

Na primeira parte da pesquisa foi feito um levantamento das creches existentes. Assim, procurou-se verificar, a partir de uma visita a cada instituição, o número de creches existentes, as faixas de idade atendidas, o número de vagas oferecido e como financeiramente se mantêm.

Agora, no estudo de caso, vamos descrever o funcionamento do atendimento regular de uma creche. Consideramos que somente efetuando um estudo de caso teríamos condições de saber o que de fato ocorre no dia a dia neste tipo de instituição.

É um estudo em profundidade realizado a partir de visitas à creche, em que se procurou acompanhar as diversas atividades que são desenvolvidas com as crianças. Os métodos de pesquisa utilizados são os de observação, e a realização de entrevistas.

A instituição escolhida para objeto de estudo é uma creche situada em bairro da zona sul e que apresenta como característica o fato de ser uma Obra Social leiga que atende à crianças de baixo nível sócio-econômico. Com esta escolha queremos saber como são cuidadas as crianças que frequentam este tipo de instituição, qual o espaço disponível, a qualidade do atendimento, a orientação pedagógica, a participação das mães na creche, e quais as dificuldades que existem.

#### Descrição da Parte Física

A creche funciona na cobertura de dois prédios pequenos, um ao lado do outro. As instalações estão distribuídas ao longo de um corredor: a cozinha, um banheiro para meninas, outro para meninos, outro para as funcionárias, uma pequena dispensa, o refeitório, a sala de música. O espaço físico também dispõe de uma sala de atividades.

A sala de atividades é a única que a entrada se faz pelo solário e é a maior de todas. É mobiliada simplesmente com algumas mesinhas e dois armários: um é usado para guardar o material que é utilizado para a realização de diversas técnicas de pintura, colagens, massinha, lápis de cores, brinquedos e no outro estão os colchões que são utilizados na hora da sesta. Num dos cantos da sala fica o "cantinho da boneca" onde as crianças brincam de casinha. No chão, no meio da sala, está riscado um círculo com tinta branca. Nas paredes um quadro negro, um flanelógrafo com calendário de mês e o tempo que está fazendo. Um grande mural é utilizado para expor os trabalhos dos alunos, e outro indica o tema que está sendo utilizado pelas professoras para desenvolver com as crianças.

A sala de música é bem menor que a anterior e nela fica o piano e um armário onde são guardados os instrumentos, além de brinquedos e os colchões para a hora da sesta. Uma única mesa com duas cadeiras e na parede um quadro negro.

O solário é dividido em duas partes - cada um corresponde à área de um prédio - em planos diferentes, ligados por uma pequena escada. Um trepa-trepa e um escorregador servem às brincadeiras das crianças. É aberto, recebendo sol durante o dia.

O refeitório, além de ser o lugar onde as crianças se alimentam serve de sala para a Coordenadora e para a psicóloga trabalharem. Um pequeno armário guarda o material pedagógico, e numa estante denominada "cantinho da leitura" ficam os livros para as crianças olharem. Ao longo das paredes do refeitório estão dependuradas a bolsa de cada criança diante do respectivo retrato. Esta sala, eventualmente, é utilizada em atividades com as crianças.

A cozinha é pequena tendo um fogão, uma geladeira, um armário e duas cadeiras.

A creche atende a crianças de 3 a 5 anos que estão organizadas em três turmas formadas com crianças da mesma idade. Assim, o número de salas é inferior ao número de turmas. Por esta razão estabeleceu-se o rodízio nos ambientes que é explicado pela Coordenadora:

"Temos poucas salas e por isso achei melhor fazermos o rodízio entre a sala de atividades, a sala de música e o solário, permanecendo 45' em cada uma delas. Acho que é o máximo de utilização de cada espaço. Mas isto significa que cada turma não tem sua sala".

Equipe:

A equipe de funcionários é constituída de uma coordenadora, quatro professoras, uma professora de música, uma auxiliar, uma cozinheira, uma faxineira. Destes, a coordenadora e a professora de música são voluntárias. As crianças da creche também recebem atendimento médico, odontológico e psicológico.

A parte administrativa funciona junto à secretaria da Obra Social no 19 andar. É a secretaria de Obra quem recebe as mensalidades, as propostas de matrícula, faz as fichas, paga o pessoal e preenche o livro de contabilidade.

Cada turma tem uma professora que deve atender até 35 crianças.

"Acho que é um número muito grande de crianças pois na hora da aula duas turmas ficam numa mesma sala e é quase muito colado com nada. Há uma orientação por parte da direção da Obra de recebermos 35 crianças por turma, mas é excessivo. A turma de três anos dorme na sala de música e não tem espaço. Nas as outras duas turmas, de 4 e 5 anos, ficam na sala de atividades e os colchões ficam quase colados um no outro. Isto não é bem tão higiênico. Por isso que com as turmas das crianças diminuímos o número de crianças por turma. A turma de 4 anos ficou com 35 alunos, com a turma de 5 anos", explicou a Coordenadora.

A realidade é que a turma de 3 anos tem 35 alunos, mas as outras duas turmas não ultrapassam 30 crianças cada.

Dois professoras funcionam em horário integral e duas em meio expediente. Uma das professoras fica responsável pela creche quando a Coordenadora não está presente.

#### Horário de Funcionamento:

A creche começa a funcionar às 7 horas da manhã, quando as crianças começam a chegar. Às 8:30hs o café da manhã. Às 12:00hs é servido o almoço. Em seguida a sesta que se estende até as 15:00 hs. Às 16:30hs é servido o lanche e a saída, às 17:00hs, podendo o responsável apanhar a criança até às 18:00 horas.

Isto significa que a criança passa no mínimo 9 horas na creche. Se o responsável deixar a criança às 7:00 horas da manhã e a apanhar às 18:00 horas, a criança terá permanecido onze horas na instituição.

Uma das professoras comentou este fato: "É uma barra passar 10 horas por dia cuidando de crianças. Eu fico exausta, não é mole, não".

Talvez seja por este fato que se observa uma tendência a prolongar o sono depois do almoço. O que seria um pequeno sono de descanso é "esticado" até perto da hora do lanche.

#### As Atividades:

Pela manhã, depois do café, a aula de música com uma voluntária que trabalha há muitos anos na creche. Cada turma tem meia hora de aula.

Até a hora do almoço cada turma passa pelos três ambientes - solário, sala de atividades e sala de música - realizando atividades de livre escolha ou atividades orientadas.

A coordenadora que faz orientação pedagógica explica:

"As atividades de jardim são divididas em atividades de livre escolha e atividades orientadas. No primeiro caso, são oferecidos vários tipos de atividades e cada criança escolhe o que quer fazer. Ela pode optar, por exemplo, entre pintura de cavalete, à dedo, lápis de cera, massinha, colagem, brinquedos ou simplesmente brincar com outra criança. Na atividade orientada a professora propõe algo e desenvolve junto com a criança ou com toda a turma".

"Além disso há o centro de interesse nomeado à temática que deve ser trabalhada durante o mês com as crianças".

A sala de atividades é a que apresenta melhores condições para a realização de várias atividades simultâneas. O relato abaixo descreve a turma de 5 anos em atividades de livre escolha na sala de atividades:

"A turma de 5 anos acaba de entrar na sala e a professora chama a turma para: "rodinha", e as crianças sentam-se sobre o círculo riscado no chão. A conversa inicial é para completar o calendário - que dia é hoje, em que mês estamos, como está o tempo. A cada resposta dada, uma criança é chamada pela professora para colocar no flanelógrafo o que foi dito.

Depois disto as crianças vão para as atividades. Um grupo de meninas começa a servir um cesta com pequenos tijolos de madeira; algumas meninas dirigem-se para o cantinho da boneca; outros querem pintar no cavalete. A professora apanha o cavalete e prepara as tintas. Dois meninos pedem a massinha. Outros ao verem a massinha também querem brincar. No cavalete, na medida em que a criança termina de pintar, outra a sucede.

Depois de um período de atividades livres, a mesma turma é chamada para fazer uma atividade orientada de atividades de livre escolha. A professora diz: "Agora vamos fazer uma atividade de livre escolha. Cada criança vai escolher uma atividade e fazer".

Com relação às atividades, nas observações ativas em sala de aula não ficou clara a relação entre tipo de atividades e idade das crianças, dificultando saber-se que atividades são específicas de cada idade. A grosso modo, parece que todas as crianças realizam os mesmos tipos de atividades, utilizam os mesmos brinquedos.

Realmente, uma dificuldade que a creche enfrenta é que as crianças que estão frequentando há muito tempo, ficam cansadas, pois conhecem tudo que a creche pode oferecer. Na creche não é feita alfabetização, o que na opinião de algumas professoras desmotiva a criança. Segundo a Coordenadora se houvesse mais uma sala poderia se pensar em fazer uma classe de alfabetização, mas como estão não é possível.

Na hora das refeições a turma dos menores é a primeira a se servir.

"Eles comem primeiro porque demoram mais, especialmente na hora do almoço a gente tem que ensinar a comer de colher e às vezes tem que dar na boca. Os maiores andam mais rápido".

Os alimentos são de boa qualidade e a comida é bem feita. Percebe-se que há um interesse em servir uma refeição de bom paladar.

Depois do almoço as crianças procuram na bolsa que trouxeram de casa a escova de dentes, colocam pasta e vão até o banheiro escovar os dentes. Este processo é acompanhado pela auxiliar que observa se está sendo feito e quando a criança não sabe, ensina.

Chama atenção o ambiente familiar da creche. O fato de cada turma não ter sua sala parece influenciar no fato de todos os cômodos serem de livre acesso às crianças, assim como mantêm relação direta com todos os funcionários. Há uma grande acessibilidade e de interesse pelas crianças.

Muitas vezes as crianças maiores ajudam a dar de comer às menores e frequentemente crianças espontaneamente

auxilia a faxineira na arrumação das salas.

A saída é feita com o responsável se identificando com um cartão cor de rosa que traz o nome e o retrato da criança, além da filiação. Decidiu-se agir assim porque já ocorreu de um pai levar o filho sem consentimento da mãe, sendo que o casal era separado.

#### Entrada da Criança na Creche:

A criança ao entrar na creche passa por um período de adaptação. Apesar da mãe não poder fazer um acompanhamento inicial da adaptação da criança à creche são raros os casos de rejeição, segundo a Coordenadora. Durante o tempo em que foi realizada a pesquisa houve um caso de desadaptação, assim descrito:

"L. tem 4 anos, é morena de olhos muito azuis e cabelos encaracolados. Está há dois meses na creche e diz não gostar. Costuma perambular por entre as salas, vindo até a cozinha, o refeitório e raramente brinca com outra criança. A mãe é empregada doméstica e não pode levar a filha ao trabalho, porque a patroa não quer. Na hora do almoço não come e só toma líquido. A professora está preocupada, pois sabe que se não come pode ficar doente. De fato, em dezembro L. não frequentou mais a creche porque ficou doente".

Em geral observa-se que as crianças gostam da creche. Muitas delas antes de estarem frequentando ficavam chorando quando a mãe se afastava enquanto estava trabalhando.

Uma das primeiras mudanças que se observa logo que a criança entra é o aumento de peso. Há crianças que apresentam um sério de problemas e com a convivência na creche passam por várias mudanças. É o caso de M.:

"M. J. foi o que para aqui era impossível, insuperável. Quando veio para cá, a mãe e era extremamente doente. Ela não conseguia ficar diante de um brinquedo porque chorava. Ao tomar o leite, não conseguia

dormir na hora da sesta e não sabia comer. Ao final de 8 meses ela melhorou muito; já começa a falar alguma coisa, parou de morder e algumas vezes consegue acompanhar uma atividade. Na hora da sesta ela dorme e já aprendeu a "comer de colher".

#### Frequência e Rotatividade:

A frequência é em média de 60 alunos para 80 matriculados. Em dias de chuva diminui muito, pois a tendência é que se a mãe não vai trabalhar, não leva a criança à creche.

Há uma certa rotatividade sendo comum a saída da criança da creche ocasionada pela alteração de domicílio da mãe ou mudança de trabalho.

Quando a criança falta muito a mãe é chamada e advertida que a criança pode perder a vaga. Caso a criança continue faltando, executa-se o prometido.

#### Clientela:

A clientela da creche é composta por filhos de empregada doméstica em sua maioria, sendo que em geral são faxineiras e diaristas. Em grande parte são filhos de pais separados estando sob a guarda da mãe.

As crianças moram em bairros próximos à creche com algumas exceções.

A creche mantém convênio com a LBA. Este convênio até dezembro cobria 30 vagas. A partir de 1960 as vagas foram duplicadas, passando para 60.

Um dos problemas sérios que a creche enfrenta é a questão financeira. É que as mensalidades não estão sendo pagas em dia, havendo vários dias de atraso chegando a mais de um mês. Na época da pesquisa a mensalidade era de Cr\$ 100,00 e agora passou para Cr\$ 500,00. Esta é uma das razões para o rompimento do convênio com a LBA.



#### Critérios de aplicação:

No caso do convênio com a IBA o critério de admissão fica a cargo desta instituição. As demais vagas são preenchidas pelas mães que chegam até à creche, e preenchem os requisitos mínimos: pagar a mensalidade estipulada e submeter-se ao exame médico que é feito com a médica da creche. Nesta consulta a médica pode achar necessário que a criança faça certos exames, como por exemplo, o exame de fezes. Neste caso, a criança deverá cumprir primeiro a exigência para depois se matricular.

Como há uma certa rotatividade na creche, permanentemente há a possibilidade de se conseguir vaga imediatamente ou aguardando um pouco. Neste caso as pessoas interessadas deixam o nome e são avisadas na primeira oportunidade.

#### Conclusões:

Dois pontos chamam atenção no estudo desta creche. O primeiro diz respeito ao número de crianças para o espaço que se dispõe. Realmente é um número excessivo que associado ao segundo ponto - proporção de crianças por professora - torna-se objeto de muita reflexão. Que tipo de cuidado pode ser dispensado numa turma com 35 crianças para uma única professora? Não há planejamento pedagógico, nem orientação psicológica que possa ser realmente eficiente mantendo-se esta proporção.

É este ponto que dá origem a outras: quais são as exigências feitas pelo convênio com a IBA em relação a este ponto? Ao que parece e isto foi perguntado durante as entrevistas realizadas na creche os dois pontos acima não foram questionados pela IBA. Assim é uma instituição ligada ao governo que de alguma maneira permite que isto ocorra sem maiores exigências.

Na conclusão desta pesquisa foram também ressaltadas algumas limitações. Como não se tenha tido acesso à documentação da IBA não se pôde avaliar ao tempo da pesquisa

sa que as fontes de renda da Obra da qual se serve também a creche vem de aluguéis de salas, de apartamentos, doações, festas de caridade, além da sensalidade e de convênio com a LBA.

Muitas outras questões poderiam ser levantadas, mas consideramos que estas são as principais e origem de muitos problemas verificados. O que chama atenção é que apesar das deficiências apontadas a creche é muito útil às mães e às crianças.

## 5. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Como primeiro momento da pesquisa, realizamos um levantamento atualizado da bibliografia que mais diretamente está ligada ao tema que é objeto de nosso trabalho.

A publicação de trabalhos e estudos sistemáticos voltados para a questão das creches em nosso país, somente nos últimos anos, é que tem conhecido algum crescimento. É notória a escassez da bibliografia voltada especificamente para a discussão de problemas ligados ao atendimento à criança na primeira infância, durante o período em que a mãe permanece trabalhando fora de sua casa.

O presente levantamento propôs-se a listar o material disponível a partir de pesquisas feitas em bibliotecas oficiais e particulares que servem a instituições ou pessoas voltadas para a pesquisa e a assistência social. Nossa intenção, ao realizarmos tal levantamento foi de divulgar os estudos já realizados no campo específico de nossa pesquisa e de estimular a realização de novos trabalhos teóricos na área.

O grupo que iniciou, de forma mais sistemática, este estudo sobre a questão das creches no quadro da realidade da mulher brasileira trabalhadora, constituiu-se em 1975, a partir do "Encontro da ABE", com que se assinalou, no Brasil, a passagem do Ano Internacional da Mulher e a realização da Conferência Internacional da Mulher e a realização da Conferência Internacional da Mulher Brasileira, resultado final do Encontro, despertou a necessidade de uma reflexão mais aprofundada em torno dos principais obstáculos à integração da mulher à sociedade brasileira e entre estes incluiu, desde logo, a questão do desamparamento da lei que obriga as empresas a proporcionar assistência aos filhos da mulher trabalhadora durante o período em que esta permanece fora de casa.

Com o intuito de ampliar o conhecimento sobre o CENSO DE CRECHAS, seguiu-se a realização de pesquisas em arquivos e técnicas de informação, visando a obtenção de dados mais objetivos.

nosso plano de ação. A partir daí, a procura de informações por parte de pessoas e grupos das diferentes áreas da ciência social, do jornalismo e da universidade, em geral, tem crescido constantemente, o que, por si só, justificaria esta nossa preocupação em arrolar o material existente, de forma sistemática e atualizada. Este material que consta de livros e publicações de origem diversas foram pesquisados em três áreas distintas:

1. Bibliotecas públicas e de instituições privadas, voltadas para a pesquisa e a assistência social, como a Legião Brasileira de Assistência, Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, Instituto Oswaldo Cruz, Serviço Social da Indústria, Serviço Social do Comércio, entre outras.
2. arquivos particulares, seja de membros da equipe de trabalho, seja de outras companheiras do Rio e de São Paulo.
3. livrarias da cidade do Rio de Janeiro voltadas para a área de ciência social, em particular.

Também tivemos a preocupação de realizar um levantamento nos arquivos dos principais jornais e revistas do Rio e de São Paulo, referentes aos anos mais recentes, para medir o interesse que o tema tem despertado na imprensa e a tônica no tratamento do assunto. Cópias deste material, reunidas e catalogadas constituem mais uma fonte de consulta à disposição das pessoas interessadas no tema.

#### 5.1 LIVROS SOBRE O TEMA "CRECHE"

1. Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais - O Desenvolvimento da Criança do Nascimento aos Seis Anos, Série Cadernos de Educação, São Paulo: Ed. Livraria Pioneira.
2. Granger, Maria José - Guia Para Montagem e Funcionamento de um Creche - Lisboa: Moraes Editora, 1961.

3. Guazelli, Leila Teresinha Fernandes - A Criança Marginalizada e o Atendimento Prê-Escolar - Porto Alegre: Globo 1979.
4. Haake Vieira, Gladis - Curriculum para a Prê-Escola (OMEP), 1978.
5. Les Crèches: Planification Urbaine - Paris, 1976, mimeo.
6. Saraceno, Chiara - Experiencia y Teoria de las Comunas Infantiles - Pedagogia 5

5.2 Publicações várias: brochuras, catálogos, teses, relatórios, etc sobre o tema "CRECHES" e correlatos (trabalho da mulher e do menor, situação da criança, legislação, referências bibliográficas pertinentes ao assunto):

a. CRECHES:

1. Campos, M.M. - As Creches no Brasil - In: Fundação Carlos Chagas, ed. Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre a situação da mulher. São Paulo, 1977, mimeo.
2. Cardone, Marly - Bercários e Creches no Direito do Trabalho - S.P., 1976, mimeo.
3. Castro Villela, Maria Eugênia e Kaz, Stela - Critério para a Fabricação de Mobiliário para Crechas - Trabalho de graduação para a Escola Superior de Desenho Industrial - Rio, 1978.
4. Departamento de Serviço Social - Pesquisa na Casa da Criança, PUC - Rio, 1971.
5. Fundação Carlos Chagas - Depoimento sobre Crechas e CRI da Mulher apresentado pela Fundação Carlos Chagas - S.P., 1977.
6. ... .. - Planejamento de ... ..

7. Ministério da Previdência e Assistência Social - Projeto Piloto de Implantação de Centros Integrais de Atendimento ao Pré-Escolar - LBA/MPAS, Rio, 1976.
  8. Ministério da Saúde - Secretaria de Assistência Médica - Coordenação de Proteção Materno-Infantil - Creches: Instruções para instalação e funcionamento.
  9. Oliveira, Maria de Lourdes - Relatório de Atividades - Projeto Creches - Lares da Vila Kennedy- LBA, Rio, 1976.
  10. Pesquisa sobre Creche - 1ª Etapa do Relatório: Levantamento sobre os aspectos legais relativos ao atendimento do menor na faixa de 0 - 6 anos, S.P., 1979.
  11. Projeto Casulo - Diretrizes Básicas para Implantação e Funcionamento, MPAS/LBA - Rio, 1978.
  12. Secretaria do Trabalho e Ação Social do Estado do Rio Grande do Sul - Programa de Desenvolvimento das Unidades de Atendimento ao Pré-Escolar, DUAPE - Porto Alegre, 1977.
- b. TEMAS CORRELATOS:
1. Ação Comunitária do Brasil - Catálogo de Obras e Recursos Assistenciais do Estado da Guanabara - EG, 1968.
  2. Brasil - Ministério da Educação e Cultura - Departamento de Ensino Fundamental - Diagnóstico Preliminar da Educação Pré-Escolar no Brasil - Brasília - 1977.
  3. Centro de Defesa da Qualidade de Vida - A situação da Criança no Brasil - Editora Muro, Tijuca, Rio, 1979.

4. CEPAL/UNESCO - Plano de Ação Regional para Integração da Mulher ao Desenvolvimento Econômico e Social da América Latina - Paris, 1977.
5. Congresso Nacional - Relatório da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito para examinar a situação da mulher em todos os setores da atividade brasileira - Brasília, 1978.
6. Coordenação do Bem Estar Social - Catálogo de Obras Sociais do Município de Rio de Janeiro, Gabinete do Prefeito, RJ, 1977.
7. Departamento Nacional de Segurança e Higiene do Trabalho:
  - Trabalho da Mulher e do Menor (Legislação)
  - Trabalho da Mulher, MTPS, Rio, 1971.
8. Fundação Carlos Chagas - Mulher Brasileira (Bibliografia comentada) - Editora Brasiliense.
9. Implantação e Funcionamento de Creches - SEBES, 1974, mimeo.
10. Legião Brasileira de Assistência/Ministério de Previdência e Assistência Social - Assistência à Maternidade em Pequenas Comunidades - Fundação LBA/MPAS, 1975.
11. Ministério da Saúde, Departamento Nacional da Criança - Livro das Mães - Rio, 1964.
12. Ministério da Saúde - Secretaria de Assistência Médica - Coordenação de Proteção Materno Infantil - Creches: Instruções para Instalação e Funcionamento.
13. Ministério de Previdência e Assistência Social - Organização LBA, Fundação LBA, 1977.
14. Ministério da Saúde, Departamento de Trabalho Feminino - Trabalho Feminino, MTPS, Rio, 1976.

15. Projeto Centros Infantis - Redação Preliminar - 1972, SEBES, mimeo.
16. SBPC - Proposta de um Centro de Atendimento ao PrÉ-Escolar - V.L. Oliveira Salvatore e Cibele Maddav Taralli - Comunicação apresentada na XXVIII Reunião Anual - Brasil, 1976.
17. Souza Ramos, Maria Regina e Rocha Barros, Elizabeth L. e Wiczel Ban de Gouvea Pedrosa, Magly - Organizando um Berçário - Vol. I, SEBES 1977.

## 5.3

RECORTES DE JORNALS

1. Movimento - 27/12/1976  
O Trabalho da Mulher no Brasil (pg. 3/7)
2. Estado de São Paulo - 24/04/1977  
Creches atendem a menos de 10% da demanda
3. Movimento - 25/04/1977  
Quem cuida dos filhos se a mãe trabalha?
4. Veja - 18/01/1978  
Creches só no papel - (pg. 46/48)
5. O Globo - 28/05/1978  
O Drama da Mulher que trabalha fora
6. Jornal do Brasil - 09/10/1977  
Creche no Brasil: uma lei que não pegou - Caderno B - (pg. 9)
7. Jornal do Brasil - 04/12/1978  
Creche: Se a mulher trabalha fora, com quem ficam os filhos?
8. Perfil - 02/1979  
Sem dinheiro, sem paraíso, apenas creche (pg. 138/141)



47.

9. O Globo - 04/03/1979  
Creches distritais - (pg. 2) - "Jornal da Família"
10. O Globo - 09/12/1979  
Mais creches, mais força de trabalho  
(pg. 2) "Jornal da Família"

## A N E X O I

RELAÇÃO ATUALIZADA DAS CRECHES NO RIO DE JANEIRO (DEZ. 79/80)

## BANGU:

1. Centro de Atendimento ao Pré-Escolar Bernhard Kaden  
Conjunto Vila Antares, Bairro Pedro I  
Av. do Canal, pista 4, nº 205

## BONSUCESSE:

2. Cristo Redentor  
Av. Democráticos, 1090 - Tel. 260-9322
3. Jardim de Infância Tom e Jerry  
Rua Lourenço Ribeiro, 125 - Tel. 260-6421
4. Klabin Colômica S/A  
Av. Suburbana, 5.332 - Tel. 269-2512
5. Tia Nair (Fundação Marieta Gaio)  
Rua Dezenove de Outubro, 54 - Tel. 230-3783

## BOTAFOCO:

6. Acalanto  
Rua Visconde de Caravelas, 6 - Tel. 266-0623 - 286-4693
7. Anglo-Americano  
Rua Wenceslau Brás, 159 - Tel. 295-3099
8. Casa da Criança  
Rua Fernando Guimarães, 85 - Tel. 226-1528
9. Casa da Mãe Sem Lar  
Rua Bambina, 97 - Tel. 246-3553
10. Casa de Maternidade Obra N.S. Auxiliadora (Morro Santa  
Cruz)  
Rua Manoel de Mendonça de Sá, 103 - Tel. 226-6481

11. Casa São João Batista da Lagoa  
Rua Henrique Novais, 145 - Tel. 226-8033
12. Escolinha Reino Infantil  
Rua São Clemente, 214 - Tel. 266-2801
13. Pio XII - Obra da Providência  
Rua Álvaro Ramos, 86 - Tel. 226-2151

## CENTRO:

14. Antenor de Carvalho (INAMPS - I)  
Rua Marechal Câmara, 370/16º andar - Tel. 232-8171 R. 272
15. Escola Maternal EBGE  
Av. Beira-Mar, 436 - Tel. 252-1148
16. INAMPS II  
Rua México, 128
17. Instituto Central do Povo  
Rua Rivadávia Correa, 188 - Gamboa - Tel. 243-2731
18. Instituto de Resseguros do Brasil (IRB)  
Rua Marechal Câmara, 171/cobertura - Tel. 235-1810 R.355/365
19. Núcleo-Creche da Superintendência Regional 3 (Central do Brasil)  
Praça Cristiano Ottoni, s/nº - 16º andar - Tel. 223-0198
20. Regina do Carmo (Instituto do Açúcar e do Alcool)  
Praça 15 de novembro, 42/11º andar - Tel. 296-0112 R. 65
21. São Vicente de Paula  
Rua Ebrônio Uruguai, 251 - Tel. 223-6217  
(Morro da Providência - Santo Cristo)

## COPACABANA:

22. Casa do Pobre N.S. de Copacabana (Obra Social da Paróquia de Santa Cruz)  
Rua Alberto de Oliveira, 20/1º andar - Tel. 255-5895
23. Cruzada para a Infância da Lagoa  
Rua Coelho Neto, 390 - Tel. 255-9187

24. Olindina Praça (Policlínica de Copacabana)  
Rua Hilário de Convoia, 49 - Tel. 237-8677

## CORDOVIL:

25. Instituto Santa Clara  
Rua Coronel Camisão, 437 - Tel. 391-7440

## DEL CASTILHO:

26. Companhia Nacional de Tecidos Nova América  
Av. Automóvel Clube, 122/setor 303 - Tel. 201-9012
27. Assistência Técnica Global  
Rua Barão de Bom Retiro, 358 - Tel. 201-4149

## GÁVEA:

28. Dispensário Santa Terezinha do Menino Jesus  
Rua General Rabelo, 9
29. Escola Supysaya  
Rua Artur Araripe, 100 - Tel. 274-4745
30. Toca do Coelhinho  
Rua Piratininga
31. União Pró-Melhoramentos da Rocinha

## GRAJAU:

32. Sábida  
Rua Mearim, 150 - Tel. 208-5894

## IPANEMA:

33. Casulo Bom Samaritano (Comunidade Evangélica Luterana)  
Rua Barão da Torre, 98 - Tel. 242-8528
34. Centro de Recuperação Infantil  
Rua Anna de Sá, 212 - Tel. 227-8144
35. Associação de Pais e Amigos  
Rua Barão da Torre, 107 - Tel. 227-3669

## JACAREPAGUÁ:

36. Escola N.S. Aparecida do Norte (FEEM)  
Estrada do Rio Grande, 2561 - Tel. 392-1031
37. Jar Fabiano de Cristo (Casa Terezinha de Jesus)  
Estrada do Pau Ferro, 325 - Tel. 392-1820

## JARDIM BOTÂNICO:

38. Jardim - Escola Seneca  
Rua Pacheco Leão 1242 - Tel. 246-2264 - 286-6393
39. Reino Encantado  
Rua Miguel Pereira, 13 - Tel. 246-1152
40. Tique-Taque  
Rua Pacheco Leão, 1818 - Tel. 266-6237

## LAGOA:

41. Obra do Berço  
Rua Cícero Góis Monteiro, 19 - Tel. 226-3902
42. Nido Casa-Escola Montessori (Constructor Sui)  
Rua Senador Simonsen, 214 - Tel. 286-9497

## LEBLON:

43. Cruzada São Sebastião  
Av. Borges de Medeiros, 699 - Tel. 287-9372 - 227-0865
44. DEPSI (Desenvolvimento da Personalidade Sócio Infantil)  
Rua João Lira, 132 - Tel. 274-4045

## MELIM:

45. Escola Experimental Jean Piaget  
Rua Barão de São Borja, 28 - Tel. 249-4198
46. São Francisco Xavier (INAMPS III)  
Rua ... 201 - Tel. 201 2000 p. 201

**PADRE MIGUEL:**

47. Centro de Atendimento ao Prê-Escolar Castorina Faria Lima  
(PEEM) Conjunto D. Jaime Câmara  
Praça Silvino Teiles s/nº

**PIEDADE:**

48. Universidade Gama Filho  
Rua Manuel Vitorino, 625 - Tel. 229-0015

**SÃO CRISTOVÃO:**

49. Madre Majore  
Rua Euclides da Cunha, 191 - Tel. 228-1501
50. Maternidade Municipal Fernando Magalhães  
Rua General José Cristino, 87 - Tel. 234-8040

**TIJUCA:**

51. Albino Souza Cruz (Creche da Souza Cruz)  
Rua Conde de Bonfim, 1181 - Tel. 268-3312 R. 162
52. Amparo Maternal  
Rua do Bispo, 159 - Tel. 248-4414
53. Casa das Crianças (Morro da Formiga - Banco da Providência)  
Rua Paulina Nogueira, 300 - Tel. 258-4252
54. Faculdades Integradas Estácio de Sá  
Rua do Bispo, 63 - Tel. 228-7124
55. Centro Miúdo  
Rua Marechal Trompowsky, 31 - Tel. 205-1548
56. Jardim-Iscofo Elefantinho Felix  
Rua Barão de Mesquita, 737 - Tel. 258-6830
57. Medalha Milagrosa  
Rua Dr. Saldavini, 237 - Tel. 228-9239
58. Padre Cláudio Amador  
Rua ... ..

59. Tutuquinha com Amor  
Rua dos Araújos, 81 - Tel. 284-3640

60. Ursinho Feliz  
Rua Aguiar, 16 - Tel. 264-2894

URCA:

61. Dedo Mindinho Baby Sitting  
Rua Otávio Correia, 384 - Tel. 246-6436

VILA ISABEL:

62. Casa das Crianças  
Rua Justiniano da Rocha, 61 - Tel. 264-7245

63. Noel Rosa  
Rua Joubert de Carvalho, 272 fundos

64. Lar-Escola Francisco de Paulo  
Rua Carrêa de Oliveira, 21 - Tel. 258-0522 - 288-2549

65. O Cisne Encantado  
Rua Barão de São Francisco, 602 - Tel. 238-6829

VILA KENNEDY:

66. Centro Comunitário Irmãos Kennedy  
Estrada Sargento Miguel Filho, 371 - Tel. 331-5843  
(Residência das Irmãs)





b. Fonte de Recursos:

Convênio ( )

com que entidades: LBA ( )  
 FEEM ( )  
 FUNADEM ( )  
 Empresa ( )  
 Outras ( )

c. Mensalidade dos pais ( )

d. Donativos ( )

e. Subvenção atual: \_\_\_\_\_  
 de quem?

f. Se há dificuldades em manter a creche, de que tipo são elas?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

III. FAIXA ETÁRIA ATENDIDA NA CRECHE:

Faixa etária	Total de vagas	Vagas por Convênio	Vagas agora
0 a 5 meses			
6 a 12 meses			
1 ano a 1 ano e 11 m.			
2 anos a 2 anos e 11 m.			
3 anos a 3 anos e 11 m.			
4 anos a 4 anos e 11 m.			
5 anos a 5 anos e 11 m.			
acima de 5 anos			

## IV. CARACTERIZAÇÃO DA CLIENTELA:

## a. As mães trabalham fora:

- todas ( )
- grande parte ( )
- algumas ( )

## b. Qual a ocupação predominante da mãe:

- funcionária de empresa ( )
- empregada doméstica ( )
- comerciária ( )
- funcionária pública ( )
- atividades liberais ( )

Nota: As sugestões para outras perguntas devem ser anotadas no verso.

Nome da entrevistadora: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_